

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 331

19 de março de 2016

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos. Sejam bem-vindos.

Hoje eu queria continuar com aquele tema da aula anterior: das condições permanentes que pesam sobre a existência do ser humano na Terra. Uma delas, que eu destaquei, foi a da individualidade, grupo, coletividade, etc. Ou seja, nós temos sempre essa tensão permanente entre o fato de que nós constituímos uma individualidade física, facilmente identificável, e de que, por outro lado, a visão que esta individualidade tem de si mesma não se forma sozinha, por um mecanismo endógeno (como o crescimento corporal), mas, ao contrário, ela vai se formando na interação com os demais seres humanos, com as instituições, com os hábitos, valores e símbolos da comunidade, etc., de maneira que se tem aí uma espécie de amálgama bastante complexo.

Então, a sua “auto-imagem” (vamos usar este termo) depende de com quem você interage, de com quem você dialoga de algum modo. Mas é fácil perceber que, dessa auto-imagem, fazem parte inúmeras informações, imagens, que você não obteve de nenhuma das pessoas que você conhece. Quer dizer, você sabe mais a respeito de você mesmo do que você pode testar na convivência com as outras pessoas. Existe uma série de elementos que são puramente imaginários, são confrontos imaginários (por exemplo, o que aconteceria se eu fizesse tal coisa, para tal ou qual pessoa, seja ela real ou imaginária). Quer dizer, você também se posiciona em face de personagens imaginários, que aparecem nos seus sonhos, nas suas fantasias, etc. Essas reações imaginárias são importantes também para a formação da sua auto-imagem.

E aí aparece um tema que eu nunca vi investigado em parte alguma, mas que me parece da importância mais fundamental. Se você estudar a história de quantas sociedades, civilizações e culturas já existiram, você verá que em todas elas – sem exceção – sempre se admitiu a existência de seres invisíveis, mas dotados de individualidade, personalidade, vontade e capacidade de ação. Não há nenhuma cultura que negasse isto. A primeira foi a Ocidental moderna (digamos, a partir do século XVIII e, sobretudo, XIX). Isto quer dizer que essas culturas milenares, de toda parte do Oriente, do Ocidente, da África, da Ásia, da Oceania, têm alguma tecnologia a respeito disto; existe algum conhecimento acumulado a respeito dessas entidades. E a Modernidade, com todo seu orgulho de ser científica, em vez de examinar esse legado para ver o que existe ali dentro, partiu do princípio de que nada disto existe, de que tudo isto é apenas fantasia, e de que só existem os seres corporais, que nos são acessíveis pelos cinco sentidos.

Ora, qual é a consequência disto? Qual é o efeito que esta negação da existência das criaturas invisíveis desempenha sobre a nossa psique e sobre a nossa auto-imagem?

Você veja que, em qualquer sociedade que admita a existência desses seres, eles podem sugerir, ao ser humano, pensamentos, desejos, imagens, tentações, sensações, sentimentos, emoções, etc. E o ser humano está, por assim dizer, no meio de todo este círculo de influências, e vai escolhendo o que ele pode e o que não pode.

Supondo-se que nós possamos agrupar essas criaturas invisíveis em boas e más (ou seja, em anjos e demônios, que é uma simplificação que foi introduzida no mundo cristão e islâmico, durante a Idade Média; é claro que, se existem essas criaturas, elas existem em uma variedade muito maior do que essas duas espécies; o próprio Santo Tomás falava de “forças sutis da natureza”), qual é exatamente a situação da alma humana neste contexto? Confrontada com anjos e demônios, a alma humana não é boa nem má; ela é, por assim dizer, neutra, com propensão para as duas coisas, mas tendo que escolher entre as sugestões dos demônios, ou os apelos dos anjos. A alma, então, vai se formando, ao longo da vida, pelo acúmulo e reiteração das suas escolhas. Quer dizer, você escolhe o bem ou o mal, não todo de uma vez, mas você fez uma vez, duas, três vezes uma escolha, e aquilo vai, de certo modo, consolidando e formando, então, a sua personalidade, tal como você mesmo a reconhece e como os outros a reconhecem. Quando se diz, por exemplo, que um sujeito é um criminoso, é um homem maligno, isto não quer dizer que ele seja assim necessariamente por sua própria natureza, mas que ele foi sofrendo o influxo dos demônios, e o aceitou, e foi assim se formando.

Ora, se você suprime todas essas criaturas invisíveis, qual é a imagem que lhe resta? Tudo o que aparece na sua mente (pensamentos, emoções, sensações, fantasias, desejos, temores, etc.) vem de você. Tudo é endógeno.

Esta foi a mutação civilizacional mais espetacular de todos os tempos. O ser humano se tornou a fonte única de toda a sua vida psíquica. No máximo, você admite outros seres humanos, mas nunca vai imaginar que um outro ser humano tem, sobre você, uma influência maior do que a sua própria. No fim das contas, a individualidade humana é vista como uma totalidade autônoma, que produz todos os seus conteúdos.

Ora, que conteúdos são esses? Se você investigar um pouco as várias escolas que estudaram o fenômeno daquilo que elas chamavam “o inconsciente”, você verá que o inconsciente é um oceano infindável, tem absolutamente tudo lá dentro. Se estudarmos o dr. Freud durante alguns anos, ficaremos convictos de que os conteúdos do inconsciente são aqueles que ele diz: o “Id” (os impulsos irracionais), o “Superego” (as regras e proibições apreendidas), e o choque entre esses dois, do qual irá se formar então o “Ego”. Mas, se estudarmos o Jung, veremos que o inconsciente, tal como ele descreve, é totalmente diferente: dentro do seu inconsciente, por exemplo, existem “camadas geológicas” que vêm do tempo do homem de Neandertal - são arquétipos primordiais, de origem absolutamente impossível de rastrear, porque são coisas que vêm desde a formação dos antropóides. Se formos ver outras versões do inconsciente, por exemplo, toda a escola lingüística de formação do inconsciente, teremos lá todas as regras da Gramática Gerativa, do Noam Chomsky. Teremos também os elementos que são determinados pela Física Quântica, e assim por diante. Em suma: é impossível você dizer o que é o inconsciente, porque cada um diz que ele é uma coisa - e, pior, tudo o que eles dizem está realmente lá.

Isto quer dizer que, em primeiro lugar, a psique humana se torna absolutamente inabarcável, porque ela contém virtualmente tudo - todos os impulsos, todos os desejos, todas as sensações, todas as emoções, todas as fantasias.

Como isto repercute na auto-imagem individual? Você sabe que existem aspectos seus que os outros conhecem (e você, de certo modo, se reconhece no que eles dizem de você), mas você sabe que tem uma parte que só você conhece – uma parte secreta ou discreta. Usando esta imagem “do dentro e do fora”, que é uma imagem física, indevidamente transposta para o reino psíquico (principalmente pelo Kant, que fez muito isso), você acredita que aquilo que está mais escondido é o que é mais próprio de você, porque só você sabe – é o seu reino. E o que está mais escondido? A parte pior, evidentemente. A partir daí, não só o nosso inconsciente se tornou indescritível, mas cada um de nós se tornou um criminoso, um pedófilo, um assassino em potencial, porque sempre tem algum impulso bem escondido lá dentro de nós que, por ser o mais escondido, nos parece o mais íntimo, ao passo que os outros, que podem ser revelados às demais pessoas, são mais externos, por assim dizer. Esta foi a consequência da supressão das criaturas invisíveis (dos anjos, dos demônios, dos djinns, dos duendes, das fadas).

Este é um experimento inédito na história humana. Não houve nenhuma cultura que supusesse que todo este universo (de tendências, de desejos, de expectativas, etc.) viesse todo de dentro do ser humano – ninguém pensou uma coisa dessa. Acontece que, nas culturas que reconheciam a existência desses seres, a imagem do ser humano era muito mais simples e funcional, porque nem tudo vinha de você. Você era seduzido, induzido, chamado, apelado, estimulado, etc., e você ia fazendo escolhas; você era apenas o que Leopold Szondi chamaria de o “ego-pontifex”: você fazia as pontes entre as várias tendências; na verdade, você era o seu ego, e o resto não era você. O resto eram forças que agiam sobre o seu ego, desejando puxá-lo em direções opostas, e você fazia a mediação, a ponte e as escolhas, de modo que a autoconsciência biográfica do cidadão era uma coisa muito mais simples: ele sabia quais tinham sido as suas escolhas ao longo da vida, e não tinha que dar conta de “forças misteriosas” e inapreensíveis que comporiam a alma dele – essas coisas não faziam parte da sua alma; ele era apenas aquele que fazia as escolhas.

À medida que essas criaturas invisíveis desapareciam do cenário cultural, progredia proporcionalmente o gênero autobiográfico, a sondagem autobiográfica. Sobretudo, a partir do século XVIII. Não se vê um florescimento do gênero autobiográfico como no século XIX. Não só da autobiografia, mas dos diários também (como os diários de Henri-Frédéric Amiel, que têm trinta volumes; no século XX, o diário de Julian Grimm, os diários de André Gide). Esta sondagem do próprio “eu” vai se tornando cada vez mais abissal, porque, quanto mais se escava, mais coisa tem ali dentro. Então, na mesma medida em que começa a se cultivar o gênero autobiográfico, a autobiografia desaparece como imagem. Quer dizer, não se tem mais uma imagem do “eu” – tudo pode estar lá dentro: as coisas mais antagônicas, ao ponto que tudo aquilo que você odeia e teme pode lhe parecer tão você mesmo quanto aquilo que você ama, deseja, apóia, aprova, etc. E chega a um ponto em que você não é mais capaz de dizer o que é você.

É claro que se cria aí um estado de confusão verdadeiramente demoníaca, quer dizer, os demônios desapareceram, os anjos também, e só sobrou você – então, toda aquela confusão é você. Isto lhes parece que foi uma opção racional? Por exemplo, a formação da idéia do personagem em Literatura. Quando chega o século XIX, a literatura mundial começa a criar alguns personagens que são bem perfilados, bem desenhados e reconhecíveis, como Raskólnikov, Julien Sorel, Lucien de Rubempré, os irmãos Karamázov, e assim por diante.

Esses personagens são bem delineados, mas já cheios de contradições. Um pouco mais adiante, quando se chega em Marcel Proust, não há mais personagem: a coleção de estados interiores, que Proust vai anotando, é tão grande, tão inabarcável, que não há mais como delinear um personagem - só têm os estados.

Então, a literatura acaba realizando aquilo que, no século XVIII, já tinha observado David Hume: “quando olho a mim mesmo, só vejo estados, sensações, estímulos – não vejo nenhum ‘eu’ por trás delas”. Quer dizer, o “eu” se dissolveu no conjunto de suas sensações, emoções, estados, etc. Este “eu” não tem mais perante quem se definir; ele só tem as outras pessoas, que são exatamente iguais a ele, e dentro das quais deve haver uma confusão similar à sua. Elas não representam estímulos unilaterais, como, por exemplo, uma tentação demoníaca. Uma tentação demoníaca é uma força que o impele em uma direção muito clara e específica (roubar, matar, “comer” a mulher do próximo, fraudar, votar no Lula) – ela não é ambígua; mas pode haver uma força contrária, que se oponha a ela, fazendo com que o sujeito, que está no meio delas, tenha de escolher.

Agora, no momento em que os personagens invisíveis desapareceram, e tudo voltou para dentro da pessoa (tudo aquilo, agora, é a própria pessoa), pode-se dizer que todo impulso é necessariamente ambíguo. Cada ser humano, então, se torna uma tal coleção de ambigüidades e indefinições, que ele, dentro de si mesmo, está perdido. É o negócio do Mário de Sá Carneiro: “Perdi-me dentro de mim/ Porque eu era um labirinto”.

Esta é uma experiência que nunca existiu antes dos séculos XIX e XX. Antes, nenhum ser humano sentia a si próprio como um labirinto. Ele poderia estar dentro de um labirinto – era o labirinto do mundo; quer dizer, o mundo, além de estar cheio de objetos, está cheio de tendências, de impulsos, de pressões que se exercem sobre o indivíduo, e entre as quais ele pode ficar perdido; mas o sujeito não era ele mesmo o labirinto.

O que aconteceu aí foi exatamente uma inversão do tipo que Kant operou na Teoria do Conhecimento, onde toda a sua imagem do mundo não é mais uma imagem do mundo, é uma projeção da sua estrutura de percepção. É como se se dissesse: “Eu sou o mundo inteiro! ”. Para além daquilo que é percebido, que é uma projeção da própria estrutura de percepção do indivíduo, não é possível saber se existe alguma coisa lá, não é possível saber se existem as “coisas em-si”, muito menos o que elas são. Assim, tudo o que se tem é uma imagem criada pelo próprio sujeito, e então tudo tem que ser procurado dentro dele próprio. Evidentemente, o indivíduo humano passa a assumir o centro do mapa-mundi – ele mesmo é o mundo agora.

Claro que, quanto mais se sonda esta psique, mais os contornos dela desaparecem. Chega-se ao ponto em que, quando se forma a ciência da Psicologia, existem escolas que dizem que a psique é tudo (mais ou menos como dizia Jung), e outras, como a de Skinner, que diz não haver psique nenhuma, somente reflexos condicionados. Mas que raio de ciência é essa, cujo objeto é tudo e é nada? É evidente que a psicologia moderna, considerada em seu todo, não é ciência de maneira alguma; ela é apenas um amálgama de hipóteses (umas mais rentáveis, frutíferas; outras, menos), mas que não tem nenhuma estrutura cognitiva defensável - ela é um conjunto de observações feitas mais ou menos a esmo.

É fácil perceber como, nesta situação, toda e qualquer orientação moral do indivíduo no conjunto se torna absolutamente impossível. Isto porque, o que quer que se escolha de bom, sempre se estará escondendo algo de mau. Daí a tendência de se enxergar a hipocrisia em tudo. Tudo se torna hipocrisia. Todo mundo está escondendo alguma coisa. Você examina a psicologia do maníaco do parque, e talvez tenha um santo escondido nele; depois, examina a

psicologia de um São Francisco de Assis, e talvez tenha um maníaco do parque escondido dentro dele. Este é o ponto em que chegamos. Vocês acham que esta é uma visão racional, científica do ser humano? Não, isto é uma alucinação completa.

Então, gente, não nos resta alternativa: existem realmente criaturas invisíveis, que atuam sobre nós, e temos que descobrir quem elas são, como elas atuam, e praticar a antiga ciência do discernimento dos espíritos. Este discernimento consiste em saber de onde vem os nossos pensamentos, desejos, decisões, alguns dos quais podem vir do meio físico (é o livro do geólogo alemão Willy Hellpach, *Geopsique*, que mostra como mudanças do clima, da vegetação, etc., afetam profundamente o ser humano); outras podem vir do ambiente cósmico em torno (é a hipótese astrológica, que tem de ser investigada também); outras, do ambiente cultural humano (da linguagem, dos símbolos aprendidos, do meio familiar, etc.); outras ainda podem vir de criaturas invisíveis, como anjos e demônios; e outras, do próprio Deus.

A supressão das criaturas invisíveis, das “forças sutis”, resultou na total destruição da ciência do discernimento dos espíritos. Isto porque o que quer que você deseje fazer, ou tenha medo de fazer, sempre veio de você mesmo. E você, seguindo a receita do Kant, é tudo – você é o Universo, agora; e se vire com isto.

Esta hipertrofia da imagem do indivíduo humano resulta, na verdade, na sua total supressão: “Eu sou tudo; portanto, não sou nada”. E o indivíduo se descrever a si mesmo se torna impossível; o auto-conhecimento se torna absolutamente impossível, porque o que quer que se procure estará sempre dentro do indivíduo mesmo.

Vocês entendem a profundidade da crise que isto representa para o ser humano? Eu nunca vi nenhum estudo sobre isto.

Eu não vejo outra saída senão voltar à antiga tecnologia, que outras culturas desenvolveram, para identificar essas forças invisíveis, e desenhar a “personalidade” delas. Como se vê até mesmo na Umbanda: há vários tipos de “exus”, e curiosamente, quando você fala com um pai-de-santo, ele identifica qual é o seu “exu”, o qual corresponde mais ou menos à sua conduta. Qual é o “exu” que está influenciando mais na sua conduta? Qualquer pai-de-santo, com uma semana de prática, sabe dizer isto, e não estará muito errado. Por exemplo, quando eu estive com um pai-de-santo, há quarenta anos atrás, ele imediatamente me olhou e falou: “Ih! O seu ‘exu’ é o ‘Tranca-Tudo’! É o pai do ‘Tranca-Ruas’ ” - ou seja, era aquele que não deixava fazer nada. E isto era verdade: a primeira coisa que eu fiz foi despertar neste mundo e não poder respirar. Não dava para fazer nada, porque não dava nem para respirar (eu tinha que planejar cada respirada) – era o “Tranca-Tudo”, evidentemente; o “Tranca-Ruas” perto dele é fichinha. Ao longo da minha vida, eu fui me acostumando a lidar com constelações de impossibilidades totais, e sempre achar um burquinho por onde passar – esta foi a minha, na verdade. Então, o pai-de-santo não errou. Quem já conversou com um pai-de-santo sabe que ele identifica isto com a maior facilidade. Ou seja, alguma tecnologia os caras têm!

Mas todas as culturas têm. Por exemplo, a Idade Média está cheia de desenhos de vários tipos de diabos. Quando tinha os processos por bruxaria, a bruxa respondia precisamente quais tinham sido os diabos que haviam falado com ela, cada um com sua personalidade. Os diabos não são humanos e não têm a liberdade humana. Então, eles não têm a flexibilidade da escolha, e fazem sempre a mesma coisa, impelindo sempre na mesma direção (cada um em uma direção distinta) – ou seja, eles têm uma individualidade muito bem marcada. Se estudarmos o mundo islâmico, veremos a história dos “djinnns”, que são espíritos sutis da natureza. Os islâmicos têm uma visão muito peculiar dos demônios: Satanás é um “djinn”,

quer dizer, é apenas um espírito sutil da natureza (era um anjo, que, após a queda, virou o rei dos “djinnns”); a função dos “djinnns” consiste apenas em sussurrar. Este sussurro corresponde àquilo que Leibniz chamava de “as pequenas percepções”: são coisinhas que passam por sua cabeça, rapidamente, quase imperceptíveis, mas que podem exercer uma influência enormemente importante nas suas decisões e na sua conduta. Em suma, todos esses exemplos mostram que todas culturas antigas têm isto.

E por que a Modernidade desprezou tudo isto, em vez de examinar? Simplesmente não é possível que aquilo que a humanidade inteira viu durante milênios não exista só porque apareceu, por exemplo, um materialista do século XVIII, que disse que aquilo não existe. Se eles não existem, então teremos de procurar a explicação de todos estados interiores humanos dentro do próprio ser humano – e daí se alarga o ser humano em um abismo, chamado inconsciente, onde cabe tudo. Ou seja, o objeto foi complicado tremendamente, e isto não pode ser o caminho da ciência, de maneira alguma.

Então, em primeiro lugar, nós temos que fazer o repertório dessas criaturas invisíveis tal como foram registradas nas várias culturas, e investigar meios de identificar a sua presença ou ausência nas várias condutas humanas. E só depois cercar os limites da psique humana, delimitando precisamente o território propriamente humano, distinguindo-o do resto em volta, o qual não será humano de maneira alguma - é outra coisa, embora esteja muito próximo de nós, porque todas essas criaturas, justamente por serem invisíveis, atuam diretamente sobre o nosso estado interior, com sugestões, tentações, apelos, percepções, etc.

Eu acho engraçado as pessoas que são ou se imaginam cristãs e que nunca pensaram neste assunto. Mas que raio de cristianismo é esse o seu, em que não existe diabo? E, quando tem diabo, é sempre o mesmo? Isto não é possível. Você acha que o diabo que inspirava Joseph Stalin e Mao-Tsé-Tung é o mesmo que inspira você? O deles era um pouquinho maior. Quer dizer, o garotinho que toma a mamadeira do irmãozinho foi inspirado pelo mesmo “exu” que inspirou Stalin e Hitler – isto não é possível. Isto quer dizer que mesmo aqueles que reconhecem teoricamente, da boca para fora, a existência de diabo o tratam de uma maneira tão indefinida, que é a mesma coisa que se ele não existisse. Qual é a tecnologia que vocês têm para lidar com os diabos? Nenhuma. Cria-se, então, aquele negócio do “quanto mais eu rezo, mais assombração aparece”.

Ou seja: o homem moderno está perdido no seu espaço psíquico, porque sofre de uma síndrome que tanto Jung, quanto Leopold Szondi qualificavam como “inflação psíquica”, a qual corresponde àquele estado em que a sua psique é tudo. É o contrário da catatonia, em que a psique desaparece, e há uma redução da atividade psíquica. A inflação psíquica corresponde a estados de paranóia, seja megalômana, seja persecutória. Estas duas são apenas uma simples inversão: se você acredita que é tudo, então você está de algum modo acima do mundo; mas, de repente, este seu mundo inteiro se volta contra você - então, você vira uma pobre vítima, e começa a projetar, naturalmente, os seus estados interiores em objetos externos, que não têm nada a ver com isto (como o dr. Wilhelm Reich que, quando estava na cadeia, após a passagem de um avião, estava seguro de que tal veículo iria bombardear a cadeia e matá-lo; o avião passava, nada acontecia, mas mesmo assim ele dizia que o próximo iria bombardear).

Isto quer dizer que há uma confusão entre a identidade do ser humano e tudo o mais. É claro que isto já é um estado de psicose coletiva. Ainda que nem todas as criaturas invisíveis, assinaladas por várias culturas, sejam reais (algumas delas são definidas apenas de uma maneira metafórica ou poética), alguma coisa, ali, tem. E o fato é que, quanto mais o tempo

passa, menos sabemos a respeito - e, na mesma medida, menos sabemos a respeito de nós mesmos.

Eu não vejo outra saída senão voltar ao estudo desses fenômenos e dessas criaturas. Voltar à boa e velha demonologia e angelologia. No século X, os caras sabiam mais a respeito disto do que qualquer psicólogo, qualquer Phd sabe hoje. E o que os psicólogos estão chamando de psique é uma coisa elástica, que pode também ser tudo ou nada. Quer dizer: na própria autodefinição que a Psicologia se dá, vê-se o sintoma de paranóia megalômana (vinda com Jung, para quem a psique é tudo) e de paranóia persecutória (vinda com Skinner, que atestava que tudo vinha de fora, e não existe psique nenhuma). A Psicologia está em uma confusão dos demônios, porque ela absorveu todos os demônios e achou que eles eram ela mesma. (32:08)

Agora vocês imaginem as repercussões que isso tem em todos os domínios da sociedade, da política, da cultura, etc. Por exemplo, todo o conceito moderno da democracia é baseado na idéia de que cada indivíduo humano é um ente racional que se conduz com vistas àquilo que lhe é vantajoso objetivamente. Todas as instituições americanas e britânicas são constituídas em cima disto: cada um sabe onde lhe aperta o sapato, sabe o que é bom para si, e irá agir racionalmente em busca de uma vantagem que lhe pareça lícita, ou seja, que não irá prejudicar o seu vizinho. Então, todo o problema consiste em se equilibrar o interesse próprio e os direitos de seus vizinhos – este é todo o problema na democracia. E é por isto mesmo que pessoas formadas dentro dessa mentalidade liberal-democrática não chegam a entender porque um sujeito é comunista (“eles criam um regime que deixa todo mundo na miséria, e é só sofrimento; por que eles insistem nisso? ”). Então, elas terão de apelar para a idéia da patologia (“essas pessoas são todas doentes patológicas”). Mas elas são realmente doentes patológicas, ou a imagem do ser humano feita pelos liberais-democratas é que está limitada demais?

Isto quer dizer que, nas democracias, o cidadão, que é composto de toda essa imensidão de forças que estão no seu inconsciente, as quais ele não consegue nem delinear, nem demarcar no espaço de maneira alguma, tem que ser responsável pela administração de tudo isso, e conduzir isso tudo para a criação de uma conduta racional objetiva. Isto é obviamente impossível. E o que acontece, então? Acontece que se tem, na superfície, as instituições democráticas, e, embaixo, um grau de irracionalidade inabarcável, o que faz com que estas instituições, por sua vez, possam ser facilmente neutralizadas por qualquer pessoa que conheça um pouco da arte de manipular a cabeça dos outros.

Nos Estados Unidos, isto começa quando uma mina de carvão, de propriedade de John D. Rockefeller, entrou em greve, e o Rockefeller mandou simplesmente os guardas fuzilarem todos os mineiros. Instantaneamente, ele virou o inimigo público número um (igual ao pessoal do PT, que não pode ir nem a um restaurante). Então, Rockefeller pensou: “ou vou à falência, ou saio dessa”. Com o intuito de melhorar sua imagem, contratou um sujeito (que, por sinal, era genro do Freud), Edward Barnes, para fazer uma propaganda de seu nome. Rockefeller começou, então, a fundar hospitais, creches, a fazer benemerências, etc – e as pessoas esqueceram o episódio da mina. Hoje, quem for a Williamsburg (que é uma cidade colonial, conservada como era no século XVIII – tudo lindo e maravilhoso) verá que aquilo foi obra de Rockefeller. Quer dizer, ele fez muita coisa boa, para limpar sua imagem (isto não quer dizer que ele tivesse parado de fazer “treta”). Como ele conseguiu isto? Com muito dinheiro e propaganda. Existe o livrinho do Barnes, que se chama *Propaganda*; seu autor foi um dos primeiros sistematizadores da influência psíquica em massa. Mas, depois dele, veio coisa muito melhor: reflexo condicionado (de Pavlov), que foram abundantemente usados em lavagem cerebral; programação neurolinguística; engenharia comportamental, etc. Hoje em

dia, quem tem dinheiro tem uma equipe enorme de profissionais, de todas as áreas, trabalhando para convencer qualquer um de qualquer coisa. Aliás, hoje não se trata nem de convencer: se vocês leram o livro do Pascal Bernardin, *Maquiavel Pedagogo*, verão que as novas técnicas de manipulação não passam pela crença ou pela convicção – elas mudam diretamente a conduta sem passar pela opinião do cidadão. Quer dizer, o sujeito muda de conduta sem perceber que a nova conduta dele subentende uma nova opinião (ele conserva a opinião antiga, agindo de maneiras que a desmentem). Ou seja: induz-se as pessoas a um estado de dissonância cognitiva e de doença mental, no fim das contas.

Tudo isto seria impossível se ainda tivéssemos alguma tecnologia das influências sutis. Um indivíduo treinado no discernimento dos espíritos, quando tem uma idéia que não é a sua própria, sabe que ela não é sua. Mas, se não tem este treino, o indivíduo achará que uma idéia maligna, qualquer que seja, veio daquilo que lhe é mais oculto, e, portanto, mais íntimo dele – e, assim, ela deve ser aquilo que mais o caracteriza e o define. O sujeito passa a ser, sobretudo, as suas tendências malignas, que são aquelas que ele mais esconde. Evidentemente, isto o induzirá a ceder progressivamente mais à tendência maligna, e, pior, tendo que justificá-las. Cria-se, então, uma cultura da justificação do mal, que, hoje, está em toda parte. Por exemplo, o pessoal que quer fazer cirurgia de mudança de sexo em crianças pequenas, tão logo elas comecem a mostrar alguma conduta do sexo oposto. Sabendo-se que, entre os transexuais operados, 41% se suicidam, evidentemente tal medida é um crime. Isto porque, se um transexual adulto, após realizar tal intervenção cirúrgica, pode acabar estourando os miolos após se arrepender do que fez, e ver que não há retorno, imagine o que acontecerá com alguém que sofreu mudança de sexo aos cinco, seis anos, se um dia ele perceber. Isto é de uma crueldade absolutamente ilimitada. E, se alguém rejeitar esta proposta, é acusado de ter ódio. Mas quem está “cortando os perus” são eles - não sou eu!? Eu não estou fazendo mal a ninguém; simplesmente, disse que não era para fazer isto ao menino.

Esta noção do ódio foi invertida de tal modo que, hoje, quando você quer mostrar que alguém é odioso, você faz uma manifestação de ódio contra ele, na base do “se o cara é tão odiado, é porque ele deve ser mais odioso ainda”. Isto funciona: massas de população, que teoricamente estão no topo mais alto da evolução civilizacional, se tornaram massas de idiotas.

Veja-se a evolução da música popular. Esta expressão está errada, pois “música popular” é aquela que o povo cria – é o folclore; o que se chama por este nome é a música industrial, criada por grandes empresas, para consumo. Tanto melodicamente, quanto liricamente (ou seja, nas suas letras), ela tem regredido para uma comunicação pré-verbal. E tudo isto é aceito e considerado normal. Ao mesmo tempo, nota-se um decréscimo praticamente mundial do Q.I. das pessoas. Nos Estados Unidos, isto é notável. Até os anos 50-60, os EUA tinham a melhor educação do mundo. Hoje em dia, o negócio virou uma calamidade. Claro que ainda não chegou no ponto do Brasil, onde nunca houve um sistema educacional que funcionasse, e, para destruir o pouco de educação que havia, foi a coisa mais fácil. Quando aparecem figuras públicas como o Lula ou o louco Ministro Aragão, as pessoas se espantam. Mas tudo na sociedade brasileira foi feito para criar essas pessoas e colocá-las nos primeiros postos.

Eu não creio que se possa fazer nenhuma análise sociológica séria sem levar em conta este fator: a dissolução da imagem da psique humana. É claro que, se a psique humana é inabarcável, podendo conter tudo, não dá para esperar das pessoas uma conduta normal e ordenada. Até para dirigir um automóvel é preciso ter uma imagem de como ele funciona. Agora, se no painel do carro, em vez de ter aquela meia-dúzia de comandos, houvesse dez

milhões de comandos diferentes, e, pior, não se soubesse qual comando produz qual efeito – a psique humana virou isto: qualquer coisa pode virar qualquer coisa.

Essas transmutações inexplicáveis da psique humana, que a literatura tanto tenta retratar quase que em vão (como quando se lê Marcel Proust: aquela imensidão de estados fugazes, vindos um atrás do outro), necessita de um esforço hercúleo para desenhá-las, mas, na verdade, elas não são desenháveis; ou, quando se lê *O Lobo da Estepe*, de Hermann Hesse, no qual o sujeito muda de identidade, muda de sexo, depois volta, não se sabe o que está acontecendo; nem o autor sabe: ele está tentando desenhar o caos, como se fosse um desenho do Escher. Isto é o máximo que se pode fazer. A nossa atual representação da psique é um desenho do Escher. Ou pior: é um desenho cubista do Picasso, em que nada faz sentido. Ou seja, a dissolução do figurativo, na arte, vem junto com isto, porque o que os pintores estão tentando desenhar não são coisas (pois eles não sabem mais se existem coisas) – são o seu mundo criativo imaginário, no qual pode haver tudo, e onde tudo pode acontecer (de uma lata de talco pode sair uma girafa). É só examinar um pouco a arte moderna: esta é a imagem da psique que se tem; tudo o que os pintores desenhavam é o que eles imaginam ser a psique humana. Agora, sentir-se perdido no meio de tudo isto coloca um problema: como fazer para não se sentir perdido em meio a tudo isto?

Eu nunca vi um estudo sobre isto. E não terei tempo de fazer um estudo mais aprofundado sobre este tema. Mas eu queria, pelo menos, deixar registrado: isto é um fato fundamental da história moderna – talvez, o mais importante; talvez, o mais decisivo. E, quando nós investigamos como que esta consciência do mundo invisível desapareceu, veremos que não foi por nenhuma descoberta científica, por nenhum estudo; foram apenas por campanhas de propaganda, feitas, no século XVIII, por jornalistas, por polemistas de botequim, que estão muito bem descritas no livro do Paul Hazard, *O Pensamento Europeu no Século XVIII*. Aliás, um grande sábio do século XVIII, que não me deixa mentir, foi Leibniz, que falava das tais “pequenas percepções”, e que estava perfeitamente consciente de que essas coisas existiam.

Antes de tudo, quero dar um aviso. Algumas pessoas esperavam que eu fizesse, nesta aula, uma análise da situação brasileira. E eu não fiz não só porque queria continuar e fechar este tema (infinitamente mais importante que qualquer crise brasileira), mas porque estou planejando dar um curso extra, às terças-feiras, sobre “Política e Cultura no Brasil – História e Perspectivas”, que é um condensado de alguns conceitos de ciência política aplicados à situação do momento, e que abrirá algumas perspectivas para que as pessoas possam entender melhor o que está acontecendo. Este curso não tem nada a ver com o COF – é separado. Eu serei obrigado a cobrar uma matrícula mais ou menos pesada (cento e poucos dólares), porque estou precisando urgentemente juntar dinheiro. Isto porque houve uma mudança (não vou dar detalhes), e, se eu não cobrir imediatamente uma dívida, vou perder esta casa e tudo o que investi nela durante dez anos. Como não posso permitir que isto aconteça, vou fazer o meu trabalho, e fazê-lo render de algum modo. Então, vou dar este curso (talvez, dê um segundo), e devo anunciá-lo na metade da semana que vem, dando todo o programa, e explicando todo o procedimento para entrar, etc. Por isso deixei este tema de Brasil para este curso.

Também queria observar o seguinte. Nesta aula, eu falei apenas de um fenômeno. A tendência inflativa é permanente na psique contemporânea: você fala de um fenômeno, e o pessoal já lembra de duzentos. Não estou falando aqui de telepatia, de almas do outro mundo, de telecinesia, de espiritismo, de exorcismo. Estou falando de um fenômeno: a existência de

criaturas invisíveis, que têm uma personalidade e uma individualidade, e uma atuação, por assim dizer, unilinear. Como elas são muitas, e têm atuações diferentes, nós podemos distingui-las. E eu disse que, em culturas mais antigas, existe uma imensa tecnologia a respeito, um repertório dessas criaturas, do qual nós vemos, às vezes, a amostra que sobra na cultura indígena, na Umbanda, no Candomblé, no que ainda resta na ciência do discernimento dos espíritos (na Igreja Católica), nessas sessões de exorcismos (que os pastores protestantes fazem). Mas não há nenhum estudo sistemático disto tudo. Este tema, que levantei nesta aula, simplesmente não existe, não faz parte da cultura contemporânea. Quer dizer: o desaparecimento das populações invisíveis, e, portanto, a absorção de tudo isto pela psique individual, que automaticamente entra em estado de inflação, e já não pode se conhecer porque virou um oceano, no qual ela mesma se afoga.

Alguém aqui me contou um negócio interessante. Um aluno disse: *“No cinema moderno, principalmente em filmes que retratam a psicologia de serial killers, se vê muito isto: retratar a mente e o inconsciente como mundos inabarcáveis. Tem até um filme (não me lembro o nome) em que uma psicóloga entra literalmente na mente do psicopata, para tentar descobrir onde estava uma das suas vítimas”*. Isto acontece muito, e o cinema retrata isto. Quer dizer, a inflação da psique não é propriamente um tema, porque nenhum filme trata disto como estou tratando. Ao contrário, os filmes são um sintoma dessa inflação. A inflação não é o tema deles – ela é o quadro de referência, dentro do qual se concebe o roteiro do filme.

Então, não vamos levantar outros temas. Outro aluno pergunta a respeito da questão do espiritismo. Eu acho que o espiritismo teve o mérito de avisar que essas coisas existem. Alguns desses fenômenos existem, mas as teorias espíritas, que vão explicá-los por reencarnação, etc., para mim, é obra de muita imaginação. Além disso, eu acho um absurdo se tentar uma explicação quando não se tem sequer uma descrição – primeiro, você tem que saber o “o quê”, para, depois, saber o “por quê”. Eu observei, também, que, entre praticantes do espiritismo, existe muita confusão entre fenômenos distintos. Eu fiz este teste várias vezes, no tempo em que trabalhava na revista *Planeta*: ia na sessão espírita, e tinha ouvido dizer que havia o médium (o sujeito que recebe o espírito) e o magnetizador (o sujeito que transmite a mensagem); e eu ia lá e ficava brincando de magnetizador, pensando em uma frase, e, dali a pouco, o médium falava; então, teoricamente, era eu a alma do outro mundo que estava transmitindo para ele. Quer dizer, o médium estava pegando, por telepatia, alguma coisa da mente de algum dos presentes, e achando que era uma comunicação do Além – quer dizer, ali já havia uma confusão entre fenômenos distintos.

Não quero dizer com isto que eu sei classificar e ordenar esses fenômenos. Eu não sei. Para mim, isto ainda é também um bicho de sete cabeças, e eu nunca tive tempo de me dedicar a isto. Mas acho que um bom começo seria pegar as várias versões encontradas desse fenômeno nas várias culturas, e simplesmente fazer o repertório (este fenômeno foi testemunhado por tal cultura; este outro, por outra, etc.); e então haverá uma variedade de fenômenos, e, só de colecioná-los, será possível visualizar semelhanças e diferenças, de modo a estruturá-los e criar uma tipologia.

Um aluno me assinala aqui que o historiador Thomas Carlyle percebeu algo desse fenômeno no começo. Não foi exatamente isto que ele percebeu. O que ele percebeu foi que a perda da consciência da existência de coisas supernaturais, espirituais, seria uma desgraça, porque só restaria, então, os cinco sentidos, e mais o que ele chamava de “sexto sentido” (a vaidade), e “restará toda a demoníaca natureza do homem, precipitada numa raiva cega, sem freios, sem rédeas”. Não é disto que estou falando; não estou falando de que esta desapareição dos personagens supra-sensíveis (não dos mundos supra-sensíveis) transformaria o ser humano

em um demônio. O ser humano não virou um demônio: ele virou um oceano inabarcável, e está perdido como “cego em um tiroteio”. É um fenômeno diferente. Mas Thomas Carlyle percebeu isto no meio do século XIX.

(P) Eu queria saber se o que você está falando, na aula inteira de hoje, tem a ver com aquele conceito, que, muito antigamente, você já deu aula sobre ele, de “mundus imaginalis”.

Bom, *mundus imaginalis* é uma dimensão de realidade, ao qual, teoricamente, segundo algumas escolas gnósticas, você tem acesso mediante uma função que eles chamam de “imaginação ativa”, que não é a fantasia. É como você perceber algo da estrutura dos mundos angélicos, por exemplo. Isto é possível, e este pessoal realmente faz isto. Alguns místicos islâmicos fazem descrições esplêndidas da estrutura dos mundos angélicos. Tudo isto é possível de ser feito. Mas ainda não é disto que estou falando, porque os mundos angélicos são uma coisa muito superior ao nosso mundo. Por exemplo, quando estou rezando, eu sempre procuro me lembrar que, acima de mim, existe um mundo, que os índios chamariam de “A Terra Sem Mal”. Existe a Terra Sem Mal – não há nada de mal lá em cima. Então, é para lá que estamos falando, e é lá que queremos ser ouvidos. Mas eu estou falando de personagens que estão aqui, estão atuando aqui, e são acessíveis. Não estou falando de mundos superiores – é este mundo. Se se falar da desapareição dos mundos espirituais – este é um outro fenômeno.

Eu me refiro a uma coisa bem mais “mesquinha”: de onde vêm as suas idéias, os seus impulsos. Se a pessoa tem impulsos que a contrariam (impulsos que contrariam outros impulsos); se essas duas coisas vêm dela mesma, então, ela é uma contradição viva, e estará lascada realmente. Mas, talvez, não venham todos dela. Claro que podemos ter contradições; mas não impulsos estranhos. Por exemplo, quando o sujeito está muito deprimido, e, de repente, tem a idéia de torcer o pescoço da esposa: isto é realmente um impulso dele, já que não está expressando nada do que o sujeito realmente queira? Então, deve-se admitir a hipótese de que tal impulso veio “de fora”. Pode ter vindo de uma outra pessoa, por telepatia; pode ter vindo do próprio organismo, do próprio corpo do indivíduo (certos alimentos mal digeridos fazem a pessoa ter idéias incríveis); pode ter vindo do clima – enfim, pode ter vindo de milhões de fontes. Eu me refiro, então, ao estudo desse conjunto de influências que agem sobre a psique humana, que não precisam ser de ordem sobrenatural, nem preternatural – algumas são perfeitamente naturais, embora sejam invisíveis. É o estudo do Willy Hellpach, *Geopsique*: todas aquelas forças nos são invisíveis; no entanto, são terrestres.

A mensagem principal é a seguinte: nem tudo está na psique humana, nem tudo o que se passa na sua cabeça vem de você. Isto é essencial para a conservação da sua sanidade! E era justamente a esta técnica que a Igreja Católica chamava de “discernimento dos espíritos”. Existem vários espíritos que podem lhe inspirar -animais, demoníacos, angélicos. Há tudo isto à sua volta. Temos de saber de onde vieram, e se vamos ou não os incorporar, porque podemos ou não os assimilar como nossos, mesmo que eles insistam em voltar diariamente. Agora, se pela insistência você acaba os assimilando, achando que, se esta idéia lhe ocorre muito, ela deve expressar a sua verdadeira natureza profunda, aí você caiu na armadilha, porque, invariavelmente, as idéias e sugestões que vão predominar são as piores, pois são aquelas que você escondeu mais. Isto faz do ser humano um monstro, não necessariamente de maldade, mas de tamanho (um “brontossauro psíquico”). Assim, é evidente que toda idéia de maturidade ou de conduta racional vai para o brejo, sem possibilidade de conservação.

Um aluno me escreve: *“Hoje, conversando com um padre que fez missão na Noruega, ele me falou de uma família que perdeu a guarda do filho, porque ele se recusou a se masturbar na escola, e o professor tinha mandado. Ele disse que o pai tinha dito que era pecado; o professor*

denunciou o pai, e o pai foi preso". Nós chegamos a este tipo de extravagância. Há pouco tempo atrás, tinha um filme do Woody Allen, *Zelig*, no qual ele era catedrático em masturbação em uma universidade. Mas, agora, a piada virou realidade; quando isto acontece, os personagens são gente de carne e osso, e não há mais graça – vira uma tragédia. De onde este professor tirou esta idéia? Claro que é uma sugestão demoníaca, mas que ele assimilou como se fosse provinda dele mesmo ("isto deve ser a minha verdade mais profunda"). E achou que, se era bom para ele, devia ser bom para todos.

Você imagine, por exemplo, um sujeito que é um masturbador compulsivo, e que está fazendo isto em segredo há anos, com que alívio extraordinário ele não recebe a idéia de que isto deveria ser ensinado nas escolas ("eu não era tão maluco quanto parecia; eu é que sou o normal"). Na verdade, se for pensar bem, masturbação não é normal, nem anormal. É simplesmente uma coisa que acontece.

Também, veja a confusão do que é moralmente errado com aquilo que é doente. Foi no século XIX que se operou esta mudança. Para tirar a carga moral, começaram a tratar em termos médicos ("isto não é um pecado – é uma doença"). Depois, como é doença, e todo mundo tem, a masturbação acaba sendo considerada normal. Em seguida, sendo normal, deve ser ensinada, e passa a ser obrigatório seu ensino. Na verdade, a Igreja nunca disse que masturbação é doença; ela diz que é um pecado, que é moralmente errado – isto é outra coisa. Moralidade não é um conceito médico. O bem e o mal não têm equivalentes médicos. Mas a pessoa, na hora em que começa a trocar uma linguagem por outra, acaba se confundido.

Depois, tem outra coisa. Se você cometeu um pecado, você vai lá, confessa, comunga - e acabou. É coisa rápida. Hoje mesmo, eu fui lá me confessar: durou quinze segundos. A confissão foi feita para livrar a cara do cidadão, e da maneira mais fácil. Agora, se é doença, isto aí pode levar anos de tratamento, podendo precisar de psicanálise durante anos – o negócio complica muito. E ainda tem a nomenclatura médica, que então entra disputa; há os tratados de patologia, que dão nomes às doenças; e algumas pessoas podem se sentir ofendidas ao serem chamadas de doentes.

Atualmente, ser católico já está entrando na lista. Ser católico é patológico. Agora, o sujeito ficar no banheiro se masturbando o dia inteiro não apenas é normal, como é normativo (tem que ser ensinado na escola).

Todas essas situações tragicômicas vêm deste fenômeno que estou falando, que é a perda do discernimento dos espíritos, e, portanto, o fenômeno generalizado da inflação psíquica.

Dentro do ambiente de inflação psíquica, não é possível discutir essas coisas racionalmente, porque todas as condutas, mesmo as de pessoas religiosas, vêm afetadas desta inflação. Você veja este negócio, que alguém me assinala aqui: atualmente, nessas igrejas evangélicas, isto acontece a três por quatro – tudo foi obra dos diabos. Isto também não é possível. É, outra vez, inflação: a pessoa não é capaz de identificar o que é uma influência demoníaca caracterizada, e o que é simplesmente uma idéia idiota que a pessoa mesma teve. O falecido padre Miguel Pedroso dizia que uma das coisas mais importantes no exorcismo é a distinção entre o que é um fenômeno de possessão, ou de obsessão, demoníaca, e o que é uma doença mental. Para o leigo, elas podem ser parecidas. Então, tem cara internado no hospício há anos, tomando haloperidol, e o que ele tem é uma obsessão demoníaca - e não tem injeção que vai tirar diabo; também, tem outro, no qual pode-se fazer exorcismo dia e noite, que não vai ficar bom, porque ele não tem diabo nenhum – ele está doente.

Tudo isto é gravíssimo. É um assunto que tem de ser lidado não com curiosidade insana, com *frisson*. Nós temos que lidar neste assunto com espírito de caridade, de amor ao próximo, para ajudar quem está ferrado por causa disso – e não tratar como se fosse você mesmo um doente. Na medida em que você estuda isto, e vai entendendo, você mesmo se cura desta coisa, e percebe quando está exagerando. Os demônios não estão nem dentro nem fora da pessoa. “Dentro” e “fora” só se aplicam ao que é corpo. Se estou falando que são entidades espirituais, elas não estão nem dentro, nem fora. Elas são como que uma voz que fala para a sua alma – um sussurro. Então, vamos com calma neste assunto. Pelas perguntas aqui, eu já vejo que aparece mil curiosidades sobre temas que são parecidos, mas que não são exatamente este. Vamos nos concentrar neste de hoje, e mais tarde a gente vê outros assuntos.

Alguém me pergunta, por exemplo, em questão da síndrome do pânico. Eu tenho certeza que 99% dessas síndromes são sugestões demoníacas que a pessoa acreditou que eram dela. Quem está com pânico é o diabo: ele está assoprando para você, e você está acreditando. Diabos têm medo também, ou vocês acham que não.

Um aluno me escreve: *“Qual a influência do empirismo e do mecanicismo na difusão cultural desse esquecimento sistemático do mundo invisível?”*. É de cem por cento. A hora que vêm as teorias mecanicistas, a partir de conclusões e de extrapolações feitas a partir do trabalho de Newton (na verdade, quem cria mesmo o mecanicismo é René Descartes), e na medida em que a teoria newtoniana parecia dar uma explicação mecânica do universo físico (portanto, de tudo o mais), logo isto é extrapolado para todos os domínios (sobretudo, a partir do livro do Voltaire, *Elementos da Filosofia de Newton*, que popularizou o Newton, fazendo-o conhecido, e que é um livro cujas explicações são muito bem feitas).

Em geral, o empirista é apenas um materialista disfarçado, e não um verdadeiro empirista. Edmund Husserl fez uma crítica do empirismo tradicional – e ele era um empirista legítimo, que ia pela experiência autêntica. Por exemplo, se apresentássemos esses fenômenos (das criaturas invisíveis) a Husserl, ele diria que teríamos de começar por descrevê-los tal como eles se apresentam, sem julgar se são verdadeiros ou falsos, sem arriscar explicações. A hora em que tivéssemos a descrição inteira, poderíamos dar um passo adiante. Isto é o que ele diria – e que é o procedimento científico correto. Mas, em geral, palavras como “ciência” e “empirismo” são usadas frequentemente só para justificar preconceitos ideológicos que o sujeito já tem, e para criar uma aura de respeitabilidade científica em volta de quem não tem nenhuma. O mundo está cheio de doutores “Pirrôla” por aí.

Há uma última pergunta, interessante, de um aluno. *“Essa dissolução da consciência do mundo invisível não remonta a Galileu, quando ele tenta estabelecer uma distinção rígida entre o que é subjetivo e o que é objetivo?”*. Sem sombra de dúvida. A raiz já estava ali, com a idéia dos fenômenos primário e secundário. Primário é aquilo que se pode medir, pesar; então, é o peso, o volume, a forma. O resto é tudo subjetivo, porque não se pode medir. Passados alguns séculos, hoje se pode medir tudo isto. Há métodos matemáticos para isto. Portanto, a distinção entre primário e secundário já não vale mais, pela própria evolução dos instrumentos matemáticos. Quando vemos a neuro-história da arte, do dr. Baxandall, ele está estudando a história da arte com instrumentos científicos de neurologia. Então, hoje a situação é muito diferente: aquela distinção marcou uma época na história, fez o malefício que tinha que fazer, mas hoje não se justifica mais.

Bom, hoje é por aí. Aguardem o programa do meu curso “Política e Cultura no Brasil”.

Muito obrigado a todos. Até semana que vem.

Transcrição e Revisão: Eduardo Chaves Bueno